



VOL.7 | N. 13 | JAN/JUN DE 2021 | ISSN 2359-4489

ARTE E POLÍTICA: RAÇA, GÊNERO E NACIONALIDADES

“Sem a memória dos outros eu não poderia escrever”

Uma leitura de dois romances de Milton Hatoum

Isabela Lemos Coelho Ribeiro¹

Resumo: Este artigo busca elaborar uma leitura dos dois romances publicados por Milton Hatoum da trilogia *O lugar mais sombrio*. O primeiro volume, *A noite da espera*, e o segundo volume, *Pontos de fuga*, são dois romances de formação. Ao longo do texto, procuramos refletir sobre as experiências do protagonista, marcadas pelo contexto da ditadura militar. A mobilização da memória, não somente na construção da narrativa, mas também como objeto de reflexão de alguns personagens, foi pensada a partir das relações com o exílio, com a escrita e com as formas de resistência ao autoritarismo.

Palavras-chave: Memória, literatura, narrativa.

A reading of *A noite da espera*

Abstract: This article intends to elaborate a reading of two novels published by Milton Hatoum of the trilogy *O lugar mais sombrio*. The first volume, *A noite da espera*, and the second volume, *Pontos de fuga*, are two novels of formation. Over the course of the text, we search to reflect about the protagonist's experiences, at the context of military dictatorship. The mobilization of memory, not only on the narrative construction, but also as reflection of some characters, was thought from the relations between Milton Hatoum, through the reflections about memory elaborated in the work, and the relation between exile, writing and resistance to authoritarianism.

Keywords: memory; literature; narrative.

Introdução

“Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil”. Assim se inicia o livro *A noite da espera*, primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, escrita por Milton Hatoum. Esse romance de formação, como o define o próprio autor, é atravessado por relatos fragmentados de duas temporalidades distintas: Brasília, em 1967, e Paris, em 1977². O protagonista é Martim, estudante de dezesseis anos que se vê abruptamente separado da mãe, Lina, em São Paulo, e passa a viver somente com o pai, Rodolfo, em Brasília. Neste texto, pretendemos elaborar

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: isalemos.coelho@gmail.com.

² HATOUM, Milton. Milton Hatoum volta ao romance e à ditadura militar em ‘A noite da espera’. [Entrevista concedida a Ubiratan Brasil]. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,milton-hatoum-volta-ao-romance-e-a-ditadura-militar-em-a-noite-da-espera,70002053145>.

uma leitura da obra *A noite da espera* a partir desse trabalho memorialístico, pensando ainda o modo como esse tópico poderia se articular, no romance, à relação entre estética e política na literatura. O primeiro livro da trilogia será nosso referencial, mas dialogamos também com o segundo volume, *Pontos de fuga*, publicado em 2019.

Na capital federal, o adolescente, frequentando o colégio de aplicação da UnB, cria vínculos com jovens integrantes de um grupo de teatro liderado por Damiano Acante. Através deles, Martim entra em contato com grupos da resistência estudantil contra a ditadura militar que, naqueles anos, já invadia as universidades, perseguindo alunos e professores. Logo de início, Martim se apaixona por Dinah, uma das participantes mais engajadas artisticamente e na luta política. Junto com esses amigos, cria uma revista de arte, a *Tribo*. O contexto ditatorial permeia os dois primeiros romances da trilogia, mas não é esse o principal conflito vivido por Martim. A ausência da mãe, a falta de notícias sobre seu paradeiro e a dificuldade de comunicação marcam profundamente a vida do jovem protagonista, e continuarão pesando ao longo de seu amadurecimento.

Um eixo importante da obra se refere ao conflito familiar do protagonista. Surpreendido pela separação dos pais, rodeada de mistérios e com poucos esclarecimentos, Martim se vê obrigado a mudar para Brasília com seu pai, Rodolfo, uma figura que, ao longo do livro, vamos percebendo como uma imagem paterna distante, com uma relação de silêncios, nada afetuosos com o filho. Além disso, Rodolfo nutre posicionamentos conservadores e sustentados com certa rispidez, em contraste com as demais referências familiares, como sugere um diálogo entre este último e seu cunhado, tio de Martim, que abandonou a engenharia para seguir a carreira de fotógrafo, ao que Rodolfo reage: “Você jogou no lixo a carreira de politécnico, Dácio. Tira fotos de operários, imigrantes e biscateiros. Quem vai comprar essas porcarias?”³. O pai nutria sentimentos ufanistas em relação ao governo dos militares, ao ponto de, quando da proclamação do AI-5, demonstrar um “júbilo paterno”, empilhando “revistas e jornais na mesa da sala [...]”, colecionando “rostos militares e civis [o ministro da Justiça que redigiu o AI-5, magistrados e políticos bajuladores]” e rasgando “com raiva as fotos de políticos cassados”, como em uma “festa macabra”⁴.

Porém, mais do que a relação com o pai, a figura materna é central para a trama. Os meandros da separação conjugal, levada a cabo pela mãe, Lina, tornam-se motivo de grandes lacunas e dúvidas para o protagonista. Lina, professora de francês, passa a viver com outro homem e, após a mudança, o contato entre mãe e filho, mesmo por cartas e telefonemas, torna-se cada vez mais esporádico. Desde o início da narrativa, pouca coisa se sabe do paradeiro de Lina. A angústia na busca pela mãe atravessa a história de Martim, com respostas que, no desenvolvimento da narrativa, vão se tornando mais e mais distantes.

Logo que chega a Brasília, Martim passa a frequentar a livraria de Jorge Alegre, tornando-se, pouco depois, um funcionário ali. A aproximação com o proprietário, que organiza sessões

3 HATOUM, op. cit., p. 23.

4 Ibidem, p. 55.

de debate de filmes censurados pela polícia política, aprofundou também o vínculo de Martim com a literatura. Ao longo dos dois volumes da trilogia, o protagonista se refugia cada vez mais nos livros. A violência e perseguição dos militares aos membros da *Tribo* levam Martim a sair de Brasília em direção a São Paulo. O fim de *A noite da espera* é marcado por essa mudança. Nas primeiras páginas do segundo volume, *Pontos de Fuga*, Martim narra a chegada à cidade e os últimos momentos vividos em Brasília. Em São Paulo, retoma o curso de arquitetura na USP, mas, ao longo do livro, o trabalho de tradução de poemas, já tateado na *Tribo*, ganha corpo, tornando-se ofício. Martim passa a viver em uma casa chamada por seus habitantes de “Fidalga”, referência ao nome da rua, na Vila Madalena, dividindo a república com outros universitários, muitos deles engajados em movimentos estudantis de combate ao regime. Na turbulência que marcava essas experiências, os moradores da Fidalga vivem conflitos entre si, mas também uma grande cumplicidade. O desenvolvimento das amizades, fruto dessa convivência cotidiana, é narrado nesse segundo volume da trilogia, permitindo ao leitor acompanhar o amadurecimento de Martim. Ainda o atormenta, porém, a busca incessável pela mãe e, em meio a essa angústia, a turbulência do relacionamento com Dinah e a violência policial conformam uma face de desânimo e de indiferença que toma conta do protagonista.

Memória e exílio

Nessa narrativa fragmentada, o exílio, como sugere a primeira frase do livro, é marcado pelo silêncio e pelas lacunas que envolvem os acontecimentos que levaram o protagonista a sair do Brasil, no contexto dos anos de chumbo da ditadura militar. O mote do enredo não está ali, na vida em Paris, mas na trajetória de Martim ao longo dos anos vividos em Brasília e São Paulo. Said, em *Reflexões sobre o exílio* (2003), ressaltou o quanto o exílio se caracteriza por um “estado de ser descontínuo”, pelo afastamento em relação ao país de origem, aos familiares e, podemos dizer, da experiência que leva o indivíduo a tal condição⁵. O exilado seria aquele impedido de voltar para casa. Mas, no caso de Martim, restaria a nós perguntar onde seria essa casa. Não parece haver nostalgia em relação a um lugar específico, mas a pessoas. Martim parece estar sempre em um entrelugar, destituído do principal ponto de referência, representado pela mãe.

No exílio em Paris, iniciado em 1977, as questões que o mobilizavam, que marcavam sua vida familiar, estudantil e política, estão em suspenso. A busca pela mãe ainda move Martim, mas a figura materna parece cada vez mais distante, cada vez mais como um vulto. A possibilidade de ela estar morta já pairava sobre o filho desde os tempos em São Paulo. Assim, restam as lembranças, a busca pelo rosto na memória. A narrativa acentua esse deslocamento e esse vazio em relação às respostas perseguidas pelo protagonista. A vida de Martim no exílio é solitária, retirante, preenchida em grande parte pelas lembranças. Ali, ainda convive com Damiano, vivendo também na capital francesa, com outros exilados latino-americanos e com os moradores da Fidalga, Anita e Julião.

5 SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 34.

Mas a referência principal para Martim é o líder da trupe de teatro de Brasília, que atenua a distância da terra natal. Damiano “sabe dominar a amargura, a angústia, o desespero do exílio; talvez não se sinta angustiado nem desesperado. Certa vez me disse: o exílio é uma aprendizagem, uma prova difícil de adaptação, mas qualquer pessoa pode se sentir no exílio em seu próprio país”⁶. O exílio de Damiano, nesse sentido, amplia suas redes com outros intelectuais e lhe possibilita atuar no Círculo Latino-Americano de Resistência. A instabilidade que parece marcar essa experiência seria um sentimento comum. Paris se tornava a “capital literária da América Latina”, ponto de encontro de escritores exilados que, dali, colocavam em perspectiva suas origens⁷. Damiano seria um articulador entre esses intelectuais no exílio, auxilia Martim, assim como outros recém-chegados, a encontrar uma morada, a buscar formas de sobrevivência.

No exílio, Martim retoma anotações e cartas dos tempos de Brasília e de São Paulo, e busca compreender aspectos nebulosos dessas vivências. Um dos pontos prementes nesse exercício de compreensão de Martim era o envolvimento com as movimentações políticas organizadas pelos estudantes. A obra está, nesse sentido, entremeada pelas vivências do estudante no período da ditadura militar, no colégio de aplicação da UnB (frequentado também por Milton Hatoum nos anos 1970) e depois, na mesma universidade, no curso de arquitetura. O clima de repressão na universidade, de perseguição a professores e alunos, de invasões violentas, permeia todo o enredo. Ao lado da série de Hatoum, outros livros publicados nos últimos anos retornam à temática da ditadura. Julián Fuks, com o romance *A Resistência*, publicado em 2015 e que levou o autor a ganhar o Prêmio Jabuti, Bernardo Kucinski, com *K. - relato de uma busca* (2014), *Alice* (2015) e *Júlia* (2020), Claudia Lage com *O corpo interminável* (2019). Heloísa Starling ressalta como essa profusão de obras sobre a ditadura acionam uma imaginação literária contra o “Alzheimer nacional” em relação ao regime militar⁸. Obras que permitem, assim, lembrar a muitos um período ainda pouco conhecido por grande parte da população, apesar do recente saudosismo de alguns grupos.

A violência do regime ditatorial se tornou mais acirrada após a proclamação do AI-5, em dezembro de 1968, especialmente como reação à “força demonstrada pela esquerda estudantil nas ruas”⁹. Como ressalta Rodrigo Patto, essa atmosfera repressiva se manifestou de maneira potente na Universidade de Brasília: “Na UnB aconteceu o mesmo, porém em maior escala: 250 alunos foram excluídos da instituição no início de 1969, também sem se lançar mão do 477- simplesmente tiveram a matrícula negada”¹⁰.

Conformou-se, nesse sentido, segundo o historiador, um medo generalizado em relação ao governo, entre professores e alunos, mas atingindo especialmente os estudantes. No romance, o

6 HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 45.

7 COSTA, Adriane Vidal. “O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução cubana”. *Dimensões*, v. 29, p. 154, 2012.

8 451MHz 22: Ditadura e literatura. Entrevistador: Paulo Werneck. Entrevistados: Heloisa Starling e Bernardo Kucinski. *Rádio Novelo*, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/podcasts/r/ditadura-e-literatura>.

9 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 149.

10 Ibidem, p. 157.

leitor presencia frequentemente assembleias dos alunos do Centro de Ensino Médio, “comícios-relâmpago e protestos”¹¹ ocupando a cidade pelos estudantes, entre os quais estão os amigos de Martim. O protagonista, no entanto, não se vê disposto à militância política, envolve-se esporadicamente, levado pelos colegas, “orbita o movimento de resistência à ditadura militar, sem nunca realmente tomar posição”¹². A violência cotidiana na universidade, porém, marca-o significativamente. A ida ao primeiro protesto foi motivada pela presença de Dinah, estudante por quem Martim se apaixona. Assim como os outros colegas, ela é apresentada como uma militante do movimento estudantil, contestadora da autoridade e da influência do governo na universidade. Essa relação do protagonista com o engajamento dos estudantes é delineada logo na primeira manifestação da qual participa. Mesmo indo à concentração com os colegas, Martim, “decidido a ir ao cinema”, logo se afasta da multidão: “Vi a Escola Parque e a praça Vinte e Um de Abril cercadas por viaturas policiais; a sirene de uma radiopatrulha me assustou, corri na direção da W1 e me encostei numa coluna de um bloco da 308, perto da Igrejinha. Por que estava fugindo e me escondendo?”¹³.

O confronto com a violência policial, com a morte de um estudante e com o rapto de um casal em uma avenida deserta o desnorream:

Tudo ficou silencioso, o carro branco no mesmo lugar, portas abertas. Vomitei a gororoba do almoço, joguei o panfleto no gramado seco. O desejo de ver Dinah na igrejinha era tão grande quanto o medo. Eu queria sair dali, pegar o bote de borracha e remar no lago, mas ir da Asa Sul à Norte era como viajar para outra cidade, não há ruas nem becos sinuosos para onde fugir, os imensos espaços livres de Brasília são uma armadilha. Escutava gritos e barulhos de bombas [...]¹⁴.

Com o desejo de fugir e ficar alheio ao que ocorria ao seu redor, Martim decide sair com o bote de borracha no lago e, após adormecer, é arrastado pelo vento até um local próximo ao Palácio da Alvorada. Acorda, surpreendido por dois soldados que apontam uma metralhadora na direção de Martim, e acaba detido por uma noite na prisão, ao lado de colegas que estavam no protesto. “Não me machucaram quando fui detido em março de 68. Mas os pesadelos, a violência, e tudo o que vem acontecendo na vida de muitas pessoas dão a Brasília um sentimento de destruição e morte que nem sequer os palácios, a Catedral, as cúpulas do Congresso e todas as curvas desta arquitetura conseguem dissipar”¹⁵.

Nesse episódio, o protagonista se vê encurralado e amedrontado, mesmo que naquele momento não houvesse razão clara para isso. A coragem que move os colegas contrasta com a covardia e o medo de Martim; apesar de cada vez mais perceber os terrores cotidianos da

11 HATOUM, op. cit., p. 39.

12 MACHADO, Tainá. [Resenha] *A noite da espera*. Disponível em: <http://www.achadoselidos.com.br/2017/12/06/resenha-a-noite-da-espera/>.

13 HATOUM, op. cit., p. 40.

14 Ibidem, p. 41.

15 Ibidem, p. 150.

ditadura, opta por não se posicionar. Nas anotações sobre esse período, escritas a partir das circunstâncias de dez anos depois, o narrador se vê como um covarde: “É o que penso hoje, dez anos depois [...]. Um covarde que virou as costas para a manifestação. Lembro que fiz um último esforço para ir ao encontro de Dinah e dos meus amigos”¹⁶.

A partir da amizade com os membros do grupo de teatro de Damiano Acante, o protagonista começou a participar timidamente de alguns atos políticos, mas pouco envolvido e tomado pelo medo. Ao mesmo tempo, participando da criação de uma revista de arte, a *Tribo*, junto com os colegas e membros do grupo de teatro, Martim passa a se familiarizar com referências caras às culturas das esquerdas, perpassando não somente a literatura, âmbito de predileção do protagonista, mas também o cinema. Mas é perceptível no texto o confronto com uma perspectiva de arte engajada. Ao discutirem os pilares que norteariam a *Tribo*, os estudantes decidem privilegiar um conteúdo que não fosse explicitamente político ou “panfletário”. Damiano, então, refuta: “Nada sobre política? [...] Em que país vocês vivem? Será que nós vimos o mesmo filme na Escola Parque?”¹⁷. A alusão aqui é ao filme de Glauber Rocha, *Terra em Transe* que, segundo o professor de teatro, representava um imperativo à ação.

Por outro lado, mesmo Martim, que busca ficar alheio à atuação política direta, expressa por vezes a necessidade de se posicionar. Assim, “habita sempre um lugar incômodo em relação à postura combativa”¹⁸, mas os rumos da política acabam por determinar a vida do estudante. A repressão, ao se direcionar para um espectro muito amplo do que seriam comportamentos “desviantes”¹⁹, acaba por mirar também o protagonista. Em uma cena já ao final do livro, os colegas da *Tribo* são surpreendidos por policiais em uma reunião na sede da revista e são presos. Graças ao acaso, Martim não estava presente nesse encontro, mas é aconselhado a sair de Brasília, refugiando-se em São Paulo. A fuga clandestina acentua ainda mais o dilema do protagonista, que encerra a narrativa do primeiro volume:

Já começava a ver a capital e o meu passado com olhos de desertor, me sentia culpado, acovardado por fugir, por não ter ido à reunião da Tribo na hora marcada, por não dividir com meus amigos uma cela da polícia política, uma culpa que crescia, como se fosse um crime. Uma traição à tribo de Brasília²⁰.

Na chegada a São Paulo, que marca o início do segundo volume da trilogia, a lembrança dos colegas de Brasília, presos ou desaparecidos, se torna um obstáculo à adaptação na cidade. Nesse cenário, a resistência estudantil, em torno da PUC e da USP, toma corpo com novas manifestações, especialmente contra a brutalidade dos militares, responsáveis pela morte do

16 Ibidem, p. 51.

17 Ibidem, p. 68.

18 CHIARELI, Stefania. Crítica: *A noite da espera* é um belo romance maturado aos poucos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 out. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-noite-da-espera-um-belo-romance-maturado-aos-poucos-21969746#ixzz5JN8mATpS>.

19 MOTTA, op. cit., 15.

20 HATOUM, op. cit., p. 236.

líder estudantil Alexandre Vannuchi Leme. Na missa de sétimo dia em memória do estudante, Martim se vê novamente em pânico, como na primeira manifestação em Brasília. Aquela seria uma “tarde-noite de morte”, na qual à brutalidade policial se combinava a violência da cidade, convivendo com a morte em qualquer esquina.

Na Nove de Julho senti o estômago embrulhado, saltei na parada seguinte, corri até a praça 14 Bis, arriei a calça borrada e me agachei. Um maltrapilho de olhos fechados estava estirado sobre folhas de jornal, peguei um pedaço do papel, o homem não se moveu. Usava uma cueca imunda, o corpo era uma pelanca enrugada e escura; toquei o braço e o peito dele, senti a pele fria, o coração mudo por trás das costelas. Vi dois fochos de luz na avenida, vesti a calça e fui até o ponto de ônibus, amaldiçoando aquela tarde-noite de morte.

Vários passageiros dormiam²¹.

Dividindo a “república da Fidalga” com estudantes da USP, muitos engajados no movimento estudantil, Martim foi preso por dois dias, após uma manifestação. Poucos foram os estudantes levados pelos agentes do DOPS, mas “dois barbudos”, um deles nosso protagonista, teriam chamado atenção. A vinculação de Martim à resistência estudantil, no entanto, permanece intermitente, indireta, mais ligada aos colegas do que a um engajamento sistemático. A busca pela mãe, assim como a instabilidade do relacionamento com Dinah, a preocupação com os rumos dos amigos de Brasília, parecem ser a tônica desses seis anos vividos em São Paulo. Martim, assim, estaria em um “entrelugar”. Em entrevista a Ricardo Viel, Hatoum ressaltou como muitos dos narradores de seus romances estariam em uma “fronteira social e simbólica, entre o pertencimento à família à exclusão”²². Essa fronteira também parece marcar o protagonista da trilogia ao longo de sua trajetória.

No romance, o engajamento político não se desvencilha do próprio ato da escrita, assim como do exercício de se recorrer à memória de modo que “o gesto de resistir caminha em paralelo ao ato de narrar”²³. Hatoum, ao discorrer sobre seu novo livro, sugere essa perspectiva ao enfatizar que não se trata de um romance político, mas no qual a política envolve a trama, o que é inevitável, para o escritor, na medida em que tem como contexto imediato a brutalidade de um período de governo ditatorial: “O que me interessou mais foi narrar a vida, a vida dessas personagens nesse ambiente político, ou politizado”²⁴. O escritor entrelaça ainda esse exercício da escrita ao exílio: “Primeiro porque você tem que sair de si mesmo, ao mesmo tempo que você vai mais ao fundo de si mesmo – são movimentos de ida e volta. Para expressar o que

21 HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 49.

22 VIEL, Ricardo. “Milton Hatoum e a arte da paciência”. In: VIEL, Ricardo. *Sobre a ficção: conversas com romancistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 115.

23 CHIARELI, op. cit.

24 HATOUM, Milton. Literatura e resistência: Entrevista com Milton Hatoum. [Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima e Ricardo Monteiro]. *Nexo*, 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/video/Literatura-e-resist%C3%Aancia-entrevista-com-Milton-Hatoum>.

sente profundamente você tem que sair de si”²⁵. Narrar implica, portanto, em um deslocamento, em um exercício de perspectivismo, característico do exílio. Nessa mesma entrevista, Hatoum evoca a importância do esquecimento para o exercício da escrita, como “espaços na memória para que a ficção caiba”. O esquecimento é elevado, assim, à condição para a escrita, como parte dessa postura de deslocamento.

Narrar pressupõe, também, esquecer. O esquecimento é parte da dialética entre “presença e ausência no âmago da representação do passado”, escancarando as possibilidades de confiabilidade na memória²⁶. Lélío, mais conhecido como Nortista, evoca essa necessidade em suas cartas a Martim. Nortista é o personagem em trânsito por excelência, nesse segundo volume da trilogia. Transita por Santiago, Lima, Rio de Janeiro e, depois de uma breve passagem por São Paulo, retorna a Manaus, sua terra natal. Como outros personagens, expressa diversas sínteses sobre a memória: ela é um “desassossego”, marcada por “ruínas” que talvez “sejam a nossa experiência mais viva”²⁷. Após a partida para São Paulo, Martim não tem notícias do paradeiro do amigo. Esse silêncio é rompido pela chegada de Lélío à capital paulista, que partiu de Brasília após a prisão na sede da Tribo, perseguição da qual o protagonista escapou com Dinah.

A questão da memória, nesse sentido, parece ser um tema importante na produção de Hatoum. Na composição do romance, o autor ressalta a importância desse artifício: “É decisiva a presença da experiência – não apenas a individual, mas a de grupo, adquirida pela fabulação dos outros. A memória como vasos comunicantes, que passam de um para outro. Isso é um trabalho da imaginação”²⁸. A memória, assim, funciona como estratégia narrativa para tratar do sujeito fragmentado, possibilitando a “entrada no tempo imaginário da narração”²⁹. Pressupondo ainda o esquecimento, o ato de lembrar se configura como uma busca, ou seja, um exercício, um esforço, travado ao longo de toda a obra, que mobiliza o protagonista de modo fulcral³⁰.

A solidão e a distância do Brasil se tornam o gatilho para um retorno, pela memória, há dez anos, na Brasília de 1967, através de recortes de cadernos escritos pelo protagonista quando era ainda um estudante secundarista. O recuo ao passado tem como apoio esses escritos, através dos quais Martim tenta buscar respostas a perguntas que se tornaram cruciais para sua trajetória. Apesar desse movimento de recurso às recordações, ao final do livro, poucas dessas dúvidas são sanadas. Recordações que não são apenas do protagonista, mas também dos colegas com os quais convivia em Brasília e que parecem tornar a narrativa também coletiva. Por diversas vezes, Martim recorre às lembranças dos colegas para suprir lapsos da memória, e esclarece: “sem a memória dos outros

25 VIEL, Ricardo. “Milton Hatoum e a arte da paciência”. In: VIEL, Ricardo. *Sobre a ficção: conversas com romancistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 117.

26 RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. p. 425.

27 HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 154.

28 HATOUM, Milton. Milton Hatoum volta ao romance e à ditadura militar em “A noite da espera”. [Entrevista concedida a Ubiratan Brasil]. *Estadão*, São Paulo, 20 out. 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,milton-hatoum-volta-ao-romance-e-a-ditadura-militar-em-a-noite-da-espera,70002053145>.

29 CHIARELI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 88.

30 RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. p. 71.

eu não poderia escrever”³¹, ou seja, de certa forma, a escrita, mesmo que relacionada à experiência de um sujeito, constitui-se como ato coletivo, pois a urdidura dessa trama depende das lembranças de outros indivíduos, que compartilharam de um passado traumático.

A metáfora das ruínas, expressa pelo Nortista, é cara à narrativa. Martim escreve a partir da “memória dos outros”, de relatos e cartas guardados ao longo dos anos. Em *Pontos de fuga*, entram em cena outros personagens que também colaborarão para a formação desse quebra-cabeça. Especialmente Anita e Julião, casal de colegas da Fidalga que serão companheiros de viagens de Martim em Paris. Nas anotações de Anita, surrupiadas por Martim, encontravam-se muitas pistas sobre os acontecimentos vividos em São Paulo. Além disso, através de suas palavras, desenha-se uma imagem de Martim que será esboçada e materializada ao longo do livro: um jovem que se esconde, “como um caracol ou um caramujo-do-mato, nem as antenas ficam à vista”³².

O dilema sobre o paradeiro da mãe e o relacionamento com Dinah afundam Martim. Desde o início da narrativa, pouca coisa se sabe do paradeiro de Lina. Essa angústia e busca do filho de se reencontrar com a mãe mobiliza até mesmo os amigos no exílio, que passam por terras estrangeiras carregando no bolso uma fotografia de Lina. A única tentativa de encontro entre os dois, a partir da mediação do tio, seria em Goiânia, para onde o estudante se dirige e espera a mãe em um hotel. Ela, no entanto, não aparece, sem dar explicações. Um telegrama escrito pelo tio foi o único desfecho daquela tarde de grandes expectativas. A frustração e a angústia marcaram a recordação desse episódio, dez anos depois:

[...] a leitura do romance me enfeitiçou naquela noite angustiante, em que deitaria ao lado da minha mãe, de mãos dadas ou abraçados, havia tanto tempo eu não sentia o corpo dela e não escutava sua voz, nosso último encontro na Flor do Paraíso adquiria outro significado, a distância e o tempo constroem artifícios.

Percebo isso na solidão deste estúdio, no fim da noite parisiense³³.

A operação de reler, no presente, o passado, implica em uma distância temporal como condição desse exercício, que, segundo Hatoum, se relaciona à sua própria possibilidade de, como sujeito que viveu como estudante os anos de chumbo, tematizá-los ficcionalmente. A partir de uma frase de Borges, “o esquecimento como forma de memória”, Hatoum enfatiza essa necessidade da passagem do tempo para o trabalho de imaginação em relação ao passado³⁴. O jogo entre memória e esquecimento perpassa os dois volumes da trilogia, sendo o vazio, os lapsos das lembranças, objeto de reflexão dos próprios personagens. Martim associa o esquecimento a essa dimensão espacial do vazio, mas também a uma “confusão de lembranças”.

31 HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 71.

32 HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 203.

33 HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 97.

34 CHIARELI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 88.

A partir do excerto acima, percebe-se o quanto a ausência da mãe marca profundamente Martim, assim como representa uma grande força em sua formação sentimental. Não somente nesse romance, mas também em *Cinzas do Norte* (2005) e *Dois Irmãos* (2000), as personagens femininas e, mais especificamente, maternas, constituem figuras paradigmáticas, com impacto decisivo na trajetória dos protagonistas. Histórias marcadas pela violência no seio da família, gerando embates e fissuras, são traços relevantes das narrativas, também em outras obras de Hatoum. Como afirma Lasch, os livros de Hatoum: “[...] são cheios de vigor enquanto perscrutam o ambiente familiar”, ao explorarem os conflitos e complexidades que envolvem essas relações³⁵.

Assim, segundo Hatoum, a busca da mãe “é uma busca também simbólica, é o drama moral de Martim”³⁶. E esse drama se constitui a partir de deslocamentos familiares, de tensões e violências, que marcam a personalidade do protagonista e que o levam ao isolamento em relação aos pais. O “medo e a angústia”³⁷, assim, acabam se tornando quase palavras-chave para a obra. Sentimentos que dizem respeito ao plano afetivo, familiar, mas também como atmosfera pública, pelo terror político que envolve os personagens na cidade nuclear da ditadura. A Brasília que encontramos na obra parece desenhada por dicotomias: é a “cidade promessa”³⁸, “cidade para quem tem asas para poder voar”³⁹, mas, ao mesmo tempo, “vazia, abandonada às pressas”⁴⁰ e palco dos meandros do poder dos militares, onde os personagens são filhos de ministros, deputados e diplomatas.

Ao optar por uma narrativa fragmentada, que recorre à memória como tentativa de compreensão de uma experiência permeada pela angústia e pelo trauma, o escritor nos permite pensar, na esteira de outras obras, “a dor como realidade histórica”⁴¹. Beatriz Vieira reflete sobre esse reconhecimento através da literatura, analisando o livro *K. - relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, como instrumento capaz de dizer da perplexidade de uma geração que vivenciou a violência da ditadura e enfrentou um trauma pouco debatido na sociedade brasileira. A estrutura fragmentada cumpre, para o escritor, função tão importante quanto o texto, em *strictu sensu*, para se pensar as condições de possibilidade de se transpor a distância temporal através da memória, a fim de elaborar narrativamente o vivido. Como afirma Rancière, “há escrita quando palavras e frases são postas em disponibilidade, à disposição”⁴², ou seja, o recurso à memória, na tentativa de elaborar uma escrita, coloca em evidência a liberdade que

35 LASCH, Markus. De *pater* a pátria: sobre a violência nas obras de Carlos Sussekind, Raduan Nassar e Milton Hatoum. In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. (orgs.). *Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 2, p. 103.

36 HATOUM, Milton. Literatura e resistência: entrevista com Milton Hatoum. [Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima e Ricardo Monteiro]. *Nexo*, 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/video/video/Literatura-e-resist%C3%Aancia-entrevista-com-Milton-Hatoum>.

37 HATOUM, op. cit., p. 24.

38 Ibidem, p. 169.

39 Ibidem, p. 28.

40 Ibidem, p. 36.

41 VIEIRA, Beatriz de Moraes. “(Des) Memória de perplexidades: Brasil, década de 70”. *Confluenze: Rivista de studi iberoamericani*, v. 5, n. 1, Università di Bologna, 2013, p. 63.

42 RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 8.

envolve a palavra também ao longo do tempo. Assim, a escrita se manifesta como forma de ocupar o sensível, por isso, seria, em si mesma, um ato político.

Sob esse ponto de vista, em entrevista ao jornal *Nexo*, o escritor estabelece um compromisso direcionado aos intelectuais, de crítica ao poder. Esse imperativo crítico permite, nessa perspectiva, um diálogo entre os eventos da década de 1970 e o contexto atual, na vivência de um governo ilegítimo que lança mão de recursos autoritários e repressivos:

Várias coisas que, vamos dizer, aconteceram naquela época, e que estão registradas no romance, como o cerco e a invasão às universidades, à universidade e à escola, as prisões, alguma coisa disso está acontecendo de novo no Brasil. Isso aconteceu recentemente quando algumas escolas foram invadidas, alguns estudantes foram presos, espancados [...]. Nessa suposta democracia os censores se sentem muito à vontade⁴³.

O cerco às artes, para o autor, é sintomático desse cenário. Diante disso, Hatoum percebe na palavra um potencial transformador, pela própria imaginação. Narrar, assim, se torna um ato de resistência. Dessa forma, a própria distinção entre estética e política torna-se passível de problematização, como enfatiza Rancière. Mesmo que o autor ressalte que não se trata de um romance político, a elaboração da obra ultrapassa e relativiza os modos de engajamento possíveis. Mais ainda, a formação humana de uma geração que viveu durante um regime autoritário, a partir de dilemas que não se restringem a uma vinculação política partidária ou militante, mas na qual a política “orbita” esses conflitos, nos possibilita pensar a política como “forma de experiência”⁴⁴. Ou seja, essa dimensão da vida humana abarca, na perspectiva do autor de *Políticas da escrita*, a própria capacidade criativa de alterar o comum.

Sobre as obras *O fio perdido* e *Políticas da escrita*, Pedro Paulo Pimenta ressalta como Rancière buscou “devolver-nos à poesia, ao romance, à filosofia, que podemos frequentar por conta própria, livres das amarras da compreensão profunda e cautelosos diante da interpretação especializada”⁴⁵. Ou seja, em tempos de cerceamento da liberdade de criação, retornar às artes significa buscá-las também como experiência individual, subjetiva, que ultrapasse a racionalização, e como forma de reivindicação da democracia. A literatura, assim, torna-se forma de resistência a essas desigualdades instituídas por alguns e que exclui tantos outros do comum. Para além da dimensão do próprio regime, essa exclusão se refere também sobre quem se deve dizer, ou seja, quem são os personagens dignos de serem alçados a protagonistas.

O delineamento dessas reflexões nos é propiciado pelo autor de *A noite da espera*, quando ressalta que, assim, como a história, o objeto privilegiado da literatura seria o passado, um passado vivo, que é mobilizado para se pensar o presente⁴⁶:

43 HATOUM, Milton. Literatura e resistência: Entrevista com Milton Hatoum. [Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima e Ricardo Monteiro]. *Nexo*, 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/video/Literatura-e-resistencia-entrevista-com-Milton-Hatoum>.

44 RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 16.

45 PIMENTA, Pedro Paulo. Rancière e a passagem do estético ao político. *Revista Quatro Cinco Um*, n. 8, dez. 2017/fev. 2018, São Paulo, 2017, p. 57.

46 CHIARELLI, Stefania. Crítica: *A noite da espera* é um belo romance maturado aos poucos. *O Globo*, Rio de Janeiro. 20 out.

Só que, a diferença entre literatura e história é que a verdade da literatura não é a verdade da história. A verdade da literatura é uma verdade inventada, imaginada, com uma dimensão histórica, eventualmente, no romance, mas é uma verdade de relações humanas, relações entre personagens⁴⁷.

Pensando nessa assertiva de Hatoum, é possível ainda, na esteira de Rancière, elaborar uma reflexão que, para além de valorizar uma recorrência ao passado, permite afirmar que “o real precisa ser ficcionado para ser pensado”⁴⁸. Ou seja, a possibilidade mesma de se narrar pressupõe um regime de verdade e um regime de sentido que, para Rancière, ligam o testemunho e a ficção. Como ressalta Durval Muniz, “o tempo é o fio condutor da narrativa romanesca assim como da narrativa historiográfica”⁴⁹, de modo que, segundo esse autor, pensar as relações entre literatura e história tem como pressuposto a historicização mesma dessas categorias, ou seja, de qual literatura, e de qual história, se trata? E, ainda recuperando esse autor, quais os limites desse diálogo, considerando as exigências da escrita da história contemporaneamente? Por isso, segundo Beatriz Vieira, alguns elementos da literatura a tornam o único instrumento de acesso a experiências traumáticas que revelam o “inusitado” e a perplexidade⁵⁰.

Considerações finais

A noite da espera e *Pontos de fuga* evocam as potencialidades de a literatura proporcionar vivências de um tempo de violência e de autoritarismo. Os dois romances instigam a pensar vidas em trânsito que, como a de Martim, são permeadas por ausências. A busca por narrar e compreender o período vivido em São Paulo e em Brasília mobiliza o protagonista no exílio. As relações com a família, com os colegas e amigos e, ainda, com a resistência ao regime militar, são questões que o atormentam ao longo de anos.

Os não ditos do passado se tornam um desafio para que Martim compreenda, assim, sua própria formação. O segundo volume da trilogia se encerra em 1980, com uma pequena nota do protagonista: “A memória só faz sentido depois do esquecimento?”⁵¹. De Paris, as notícias confusas sobre o paradeiro da figura materna encerram o livro com as dúvidas que o atravessaram. As inquietações do protagonista ressaltam o quanto as tentativas de compreender o passado, permeado por experiências e lembranças que também são coletivas, implicariam em uma dose de esquecimento. Empreender esse exercício, em meio aos resquícios de um regime autoritário, tornava-se, portanto, também um gesto de resistência.

2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-noite-da-espera-um-belo-romance-maturado-aos-poucos-21969746#ixzz5JN8mATpS>.

47 Ibidem.

48 RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 58.

49 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Tema, meta, metáfora. “Por que a historiografia teme e treme diante da literatura”. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Catalão - GO, v. 17, n. 2, jul./dez. 2013, p. 27.

50 VIEIRA, op. cit., p. 5.

51 HATOUM, op. cit., p. 310.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

451MHz 22: Ditadura e literatura. Entrevistador: Paulo Werneck. Entrevistados: Heloisa Starling e Bernardo Kucinsli. *Rádio Novelo*, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/podcasts/r/ditadura-e-literatura>.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Tema, meta, metáfora. Por que a historiografia teme e treme diante da literatura. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Catalão - GO, v. 17, n. 2, jul./dez. 2013, p. 27.

CHIARELI, Stefania. *Vidas em trânsito. As ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

CHIARELI, Stefania. Crítica: *A noite da espera* é um belo romance maturado aos poucos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 out. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-noite-da-espera-um-belo-romance-maturado-aos-poucos-21969746#ixzz5JN8mATpS>. Acesso em: 2 jul. 2018.

COSTA, Adriane Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução cubana. *Dimensões*, v. 29, p. 154, 2012.

GALDINO, Pedro Danilo. A relação entre estética e política na obra de Jacques Rancière. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

HATOUM, Milton. Milton Hatoum volta ao romance e à ditadura militar em 'A noite da espera'. [Entrevista concedida a Ubiratan Brasil]. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,milton-hatoum-volta-ao-romance-e-a-ditadura-militar-em-a-noite-da-espera,70002053145>. Acesso em: 2 jul. 2018.

HATOUM, Milton. Literatura e resistência: Entrevista com Milton Hatoum. [Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima e Ricardo Monteiro]. *Nexo*, 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/video/video/Literatura-e-resist%C3%Aancia-entrevista-com-Milton-Hatoum>. Acesso em: 02 jul. 2018.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LASCH, Markus. De *pater* a pátria: sobre a violência nas obras de Carlos Sussekind, Raduan Nassar e Milton Hatoum. In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. (orgs.). *Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina*. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 2, 2012.

MACHADO, Tainá. [Resenha] *A noite da espera*. Disponível em: <http://www.achadoselidos.com.br/2017/12/06/resenha-a-noite-da-espera/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PIMENTA, Pedro Paulo. Rancière e a passagem do estético ao político. *Revista Quatro Cinco Um*, n. 8, dez. 2017/fev. 2018, São Paulo, 2017, p. 56-57.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?* 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. (Des) Memória de perplexidades: Brasil, década de 70. *Confluenze: Rivista de studi iberoamericani*, v. 5, n. 1, Università di Bologna, 2013.

VIEL, Ricardo. Milton Hatoum e a arte da paciência. In: VIEL, Ricardo. *Sobre a ficção: conversas com romancistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em: 27/08/2020
Aprovado em: 09/10/2020

